

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM EM INGLÊS

Luana Ferreira de Freitas

Doutora em Teoria Literária pela
Universidade Federal de Santa Catarina
luanafreitas.luana@gmail.com

A negligência com que a tradução da prosa tem sido tratada pelos tradutores é notória. Este fato pode ser comprovado com alguma facilidade ao se comparar o que já foi publicado sobre tradução de poesia e tradução de prosa. Berman em *A tradução e a letra ou o Albergue longínquo* (*La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*), trouxe uma das contribuições mais relevantes para o debate ainda incipiente da tradução da prosa, sobretudo do romance. De acordo com Berman:

[a prosa literária] mobiliza e ativa a totalidade das “línguas” que coexistem numa língua. Pode-se ver isso em Balzac, Proust, Joyce, Faulkner, Roa Bastos, Guimarães Rosa etc. Assim, do ponto de vista da forma, esse cosmos lingüístico que é a prosa, e em primeiro lugar o romance, se caracteriza por uma certa *informidade*, que resulta da enorme mistura das línguas na obra. Ela é característica da *grande prosa*. (...) As grandes obras em prosa se caracterizam por um certo “escrever mal”, um certo “não-controle” de sua escrita. (...) A prosa, na sua multiplicidade, nunca pode ser dominada. Mas o seu “escrever mal” é também a sua riqueza: é a consequência do seu “polilingüismo” (1999, p. 50-51).

Apesar de não fazer menção a Clarice, Berman poderia ter acrescentado a escritora à sua lista sem hesitação, uma vez que o tradutor parece descrever a prosa clariceana neste trecho. A narrativa de Clarice de uma maneira geral e, mais especificamente em *Perto do coração selvagem*, caracteriza-se jus-

tamente pela informidade e pelo “não-controle”. Esta informidade e este “não-controle” geram um texto em desalinho, que pode levar o tradutor a adotar estratégias de apagamento ou de correção do descompasso do original. Talvez seja esse o maior desafio do tradutor: resistir à tentação de corrigir ou explicar Clarice. Como disse Humboldt: uma tradução não pode nem deve ser um comentário (2001, p. 99).

Assim, acredito que o principal desafio da tradução de *Perto do coração selvagem* esteja em transcender a habitual tendência à cisão de textos em forma e conteúdo e enxergar a complementaridade de ambos os aspectos no texto de Clarice. Esta transcendência evitaria eventuais simplificações, desmembramentos e deformações do texto, que geram amiúde traduções que mais parecem explicações, adaptações ou pastiches do texto original.

A narrativa de Clarice é marcada por uma certa estranheza gerada pelo entrelaçamento do sublime e do trivial, ou antes, pela descoberta do sublime no trivial. A ação é secundária, bem como o tempo e o espaço; o que importa na narrativa é como ações ou objetos agem no personagem, ou os reflexos que estes elementos provocam no mundo interior do personagem, como no exemplo seguinte:

Eu estava sentada na Catedral, numa espera distraída e vaga. Respirava opressa o perfume roxo e frio das imagens. E, subitamente, antes que pudesse compreender o que se passava, como um cataclisma, o órgão invisível desabrochou em sons cheios, trêmulos e puros. Sem melodia, quase sem música, quase apenas vibração. As paredes compridas e as altas abóbadas da igreja recebiam as notas e devolviam-nas sonoras, nuas e intensas. Elas traspassavam-me, entrecruzavam-se dentro de mim, enchiam meus nervos de estremecimentos, meu cérebro de sons. Eu não pensava pensamentos, porém música. Insensivelmente, sob o peso do cântico, escorreguei do banco, ajoelhei-me sem rezar, aniquilada. O órgão emudeceu com a mesma subitaneidade com que iniciara, como uma inspiração. Continuei respirando baixinho, o corpo vibrando ainda aos últimos sons que restavam no ar num zumbido quente e translúcido. E era tão perfeito o momento que eu nada temia nem agradecia e não caí na idéia de Deus. Quero morrer agora, gritava alguma coisa dentro de mim liberta, mais do que sofrendo. Qualquer instante que sucedesse àquele seria mais baixo e vazio. Queria subir e só a morte como um fim me daria o auge sem a queda. (p. 71-72).

A estabilidade da personagem Joana é interrompida pelo som do instrumento e uma circunstância banal desencadeia uma experiência epifânica e serve como pretexto para a interiorização da ação. Em Clarice, a grandeza está no cotidiano, a revelação, no pequeno. Este processo recorrente na narrativa clariceana é construído por meio de um vocabulário comum e períodos curtos: a grandeza acima aludida brota precisamente do corrente, de uma linguagem ainda que comum, atenta à especificidade de cada momento, ao estado febril gerado pela revelação.

A escrita de Clarice desconcerta porque rompe expectativas – o fluxo de consciência é levado ao extremo e é mediado por um uso idiossincrático da língua. Clarice, a cada certo tempo, nos chama a atenção para o material com que a literatura é feita, e, dessa maneira, a língua deixa de ter um papel secundário ou instrumental. Este uso idiossincrático da língua de que Clarice se vale varia de colocações inusitadas à repetição, que estabelece a coesão e o ritmo da narrativa, e ao emprego de travessões e reticências como recursos para aludir à insuficiência da linguagem ou como expressão do silêncio.

A resignificação de vocábulos e a precariedade da linguagem incapaz de expressar as experiências do indivíduo dão o tom da narrativa clariceana e representam um desafio para a tarefa tradutória na medida em que exigem uma leitura minuciosa do romance e também da fortuna crítica da autora. A tradução, de uma maneira geral, e a literária em especial, é essencialmente uma atividade que exige pesquisa, um certo ceticismo e interesse intelectual. O tradutor de Clarice deve idealmente ser um profissional precavido e curioso e estar atento à obra da autora em sua totalidade e à sua crítica.

O Tradutor

Giovanni Pontiero, tradutor do português, italiano e espanhol para o inglês, traduziu Drummond, Bandeira, Saramago e Clarice Lispector. Pontiero, além de traduzir *Perto do coração selvagem* [*Near to the Wild Heart*], em 1990; traduziu também *Laços de família* [*Family ties*], em 1972; *A legião estrangeira* [*The Foreign Legion*], em 1986; *A hora da estrela* [*The Hour of the Star*], em 1986; e *A descoberta do mundo* [*Discovering the World*], em 1992. Sua produção rendeu-lhe alguns prêmios: o prêmio de tradução Camões, em 1968; o prêmio Rio Branco, em 1970; o Independent Foreign Fiction Award, em 1993; o American Translators' Award, em 1994; e o prêmio Teixeira Gomes, concedido pelo Governo Português, em 1995. Vale ressaltar o importante papel do professor, pesquisador e tradutor Pontiero como divulgador apaixonado das literaturas de língua portuguesa.

Filho de imigrantes italianos, Giovanni Pontiero nasceu em Glasgow, Escócia, onde fez graduação em espanhol, italiano e português. Em 1960, quando acabou o curso, mudou-se para o Brasil e estabeleceu-se na Paraíba, onde trabalhou por dois anos como professor. Em 1962, voltou para a Europa, estabelecendo-se na Inglaterra, Manchester, onde, com raros intervalos, permaneceu até a morte, em março de 1996.

A Tradução

De uma maneira geral, a tradução de Pontiero é bastante feliz, seu texto é escoreito e legível, mas, como se trata de um texto de Clarice, isto, por si só, não é suficiente: há as idiossincrasias verbais, as colocações inusitadas, as repetições, a extensão de períodos e parágrafos e o emprego original de travessões e reticências.

A atividade tradutória exige uma leitura rigorosa e idealmente um texto livre de deslizos, mas quem trabalha com produção textual e, no caso em análise, com tradução, conhece a complexidade da tarefa e a quase impossibilidade da exigência. Contudo, deve-se encarar com certo pesar que o acesso do público de língua inglesa a *Perto do coração selvagem* seja marcado por certos deslizos do tradutor, como no exemplo abaixo, em que a Joana do original fala de matéria enquanto que a Joana traduzida para o inglês fala de categoria:

Quando me surpreendo ao espelho não me assusto porque me ache feia ou bonita. É que **me descubro de outra qualidade**. (p. 68).

When I suddenly see myself in the mirror, I am not startled because I find myself ugly or beautiful. I discover, in fact, that **I possess another quality**. (p. 63).

Ou neste outro fragmento, em que um flagrante engano impede a compreensão do texto:

Há impossibilidade de **ser além do que se é – no entanto** eu me ultrapasso mesmo sem o delírio, sou mais do que eu quase normalmente (p. 20).

It is impossible to **exceed** oneself – **meanwhile** I surpass myself even without delirium, I am more than my almost normal self (p. 18).

Há duas opções discutíveis de Pontiero no fragmento destacado. A primeira é *exceed*, que, apesar de significar exceder, ultrapassar, não abarca a imagem proposta pelo texto de “ser além do que se é”. A segunda opção é mais complicada, porque claramente falha e diz respeito ao advérbio *meanwhile* como tradução para “no entanto”. Apesar de uma das acepções da locução corresponder a *meanwhile*, ou seja, nesse meio tempo, o contexto ilumina a questão e a leitura enviesada do tradutor priva o leitor de língua inglesa do contraste proposto na narrativa.

Pontiero segue a estrutura da narrativa de *Perto do coração selvagem*, a saber, duas partes, a primeira com nove capítulos e a segunda com dez. Há, no texto de Clarice, uma recorrência de períodos curtos em parágrafos longos, chegando, às vezes, a ocupar várias páginas. Estas ocorrências, em geral, correspondem às instâncias de fluxo de consciência de Joana em que não há quebra de parágrafo. Um dos exemplos mais representativos de fluxo de consciência no romance vai da página 66 a 71, são quase cinco páginas em um único parágrafo, no qual há repetições, travessões, reticências e colocações inusitadas. O parágrafo inicia-se com “estrelas grossas, sérias e brilhantes” e termina com o famoso episódio da queda do cavalo.

Pontiero desmembra o longo parágrafo em dois, o que se converte em efeito insólito no texto traduzido, resultando em quebra do fluxo de consciência da personagem. O tradutor mantém a extensão dos períodos, mas não todos os travessões e reticências, o que reduz o impacto dos “silêncios” propostos no romance.

As repetições em Clarice, como já dito no início do artigo, são centrais na organização da narrativa, porque têm efeitos paralelísticos e contribuem para a sua coesão. No parágrafo em questão, os vocábulos “desejo” e “sede” são recorrentes:

...fazei realidade meu **desejo** de beijá-las. (p. 66).

...satisfy my **longing** to kiss them. (p. 61).

Por que surgem em mim essas **sedes** estranhas? (p. 67).

Why do these strange **longings** possess me? (p. 61).

Sempre, sem parar, distraíndo minha **sede**... (p. 68).

Always without stopping, distracting my weary **desire**... (p. 62).

Pontiero parece não se dar conta do recurso da escrita de Clarice e não dá uma tradução específica para cada vocábulo, traduzindo cada ocorrência de “sede” e “desejo” quando surge no texto, sem perceber a ligação entre as incidências.

As surpreendentes colocações do texto clariceano não representam um desafio de tradução em um nível propriamente lingüístico, mas sim em um nível muito mais profundo e difícil de modificar: o medo de ousar em tradução, seja por reverência ao original, obediência à editora ou por temor de ser considerado um mau tradutor.

A atividade tradutória, por partir de um objeto existente, é vista por leigos e, pior, aceita por muitos tradutores como uma atividade que prescinde de originalidade. Contudo, a leitura de traduções de Wilde, Sterne e Joyce não deixam dúvida de que originalidade e uma certa dose de ousadia fariam muito bem às traduções brasileiras.

Parece que nem Giovanni Pontiero, tradutor reconhecido e premiado, conseguiu escapar do temor de ousar em algumas passagens da sua tradução. Destaco, a seguir, alguns fragmentos representativos da questão em análise, ou seja, a originalidade das colocações de Clarice e a postura do tradutor diante dela:

... um milagre partido em estrelas **grossas, sérias** e brilhantes (p. 66).

... a miracle splintered into **dense, solemn**, glittering stars (p. 61).

Ainda que haja correspondência semântica entre “denso” e “grosso” e “solene” e “sério”, não se pode dizer que sejam intercambiáveis, e, além disso, uma estrela densa e solene é menos impactante que uma estrela grossa e séria.

... chorar em notas **largas, desesperadas** e **românticas** (p. 66).

... weeping **at length** in tones of **romantic despair** (p. 61).

No fragmento acima, o tradutor transforma “largas” em “at length”, que significa profundamente, totalmente, e o adjetivo *romantic* qualifica o agora substantivo *despair*. Pontiero, mediante estes dois deslizos, muda a oração do original, uma vez que na tradução chora-se profundamente e em notas de desespero romântico.

... últimos sons que restavam no ar num **zumbido quente e translúcido** (p. 72).

... final strains that hovered in midair in a **warm, translucent buzzing** (p. 66).

Neste último trecho selecionado, observa-se que o tradutor ousou e produziu um efeito tão original quanto o proposto por Clarice, proporcionando ao leitor de língua inglesa interessado em literatura brasileira o acesso a um dos principais traços da escrita clariceana.

O tradutor não faz uso de notas de tradução, mas apresenta um breve posfácio no qual comenta a vida da autora e o romance *Perto do coração selvagem*. Curioso observar que apesar da oportunidade de comentar seu processo tradutório, opções, omissões, acréscimos, o tradutor sequer cita a palavra tradução. Isto pode indicar, entre outras coisas, o estatuto que a tradução parece ter para o próprio tradutor, que se ateu à autora e ao original quando finalmente pôde falar da sua atividade.

Em *Perto do coração selvagem*, Clarice mostra uma narrativa tão complexa quanto surpreendente, que desafia e pede sempre novas traduções que revelem ao leitor diferentes nuances do seu texto.

Referências Bibliográficas

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo*. Tradutores: Marie-Hélène Catherine Torre, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Inédito.

HUMBOLDT, Wilhelm. Introdução a Agamêmnon. Tradução de Susana K. Lages. In: Heiderman, Werner (org). *Antologia Bilíngüe – Clássicos da teoria da tradução*, vol I: alemão-português. Florianópolis, Núcleo de tradução (NUT)/Universidade Federal de Santa Catarina, 2001, p. 90-103.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *Near to the Wild Heart*. Tradução de Giovanni Pontiero. Nova York: New Directions, 1990.

Recebido em 5 de agosto de 2007

Aceito em 4 de outubro de 2007